



# PARAÍSO AMEAÇADO

Assoreamento no entorno do Refúgio de Vida Silvestre do Rio Pandeiros ameaça a área, conhecida como Pantanal Mineiro.  
**Atividades predatórias são as vilãs**

FELIPE SIL  
felipe.sil@oglobo.com.br

**D**ourados brincam junto a traíras e surubins em lagoas rodeadas de pântano. Ali perto, cachoeiras e córregos completam o cenário bucólico, carregado em tons de verde e amarelo. Criado em 2004, o Refúgio Estadual de Vida Silvestre do Rio Pandeiros se espalha por seis mil hectares de Cerrado e de Mata Seca no município de Januária, em Minas Gerais. Só que o assoreamento provocado pelo desmatamento de veredas e outros tipos de vegetação nas bordas de rios e córregos virou uma ameaça constante à tranquilidade do local.

Os perigos não estão, neste caso, dentro de um espaço protegido. Encontram-se do lado de fora, mas entranham-se pelas veias do refúgio: os rios. No entorno da região, uma área de proteção ambiental com 210 mil hectares deveria funcionar como uma espécie de proteção à poluição, desmatamento e outras ameaças à sobrevivência do local.

Só que empreendimentos de infraestrutura ou agronegócio fora da reserva estão levando o assoreamento para a área. A quantidade de areia carregada pelo Rio Pandeiros já ocasionou a desativação de uma pequena central hidrelétrica no entorno. Outros fatores que colocam em risco a saúde do refúgio são a expansão desenfreada da fronteira agrícola e plantio de eucaliptos sem critério de susten-



**Beleza.** O refúgio tem seis mil hectares de Cerrado e de Mata Seca em Januária



**Risco.** Segundo denúncias, empreendimentos de infraestrutura levam ao assoreamento



**Conservação.** A riqueza da fauna e da flora levou o governo Federal a proteger a área por decreto

tabilidade. Além de desmatamento ilegal para a produção de carvão, incêndios, caça e pesca predatória.

— Toda área protegida depende também da realidade de seu entorno. Não é uma ilha de conservação isolada. Logo, órgãos públicos, entidades privadas e população em geral precisam debater e desenvolver modelos de desenvolvimento que observem as regiões como um todo. Isso, claro, com respeito à legislação e atenção às características de solo, clima e relevo — ressalta Michael Becker, coordenador do Programa Cerrado-Pantanal do WWF-Brasil.

Sofrem o pacu, o piau-verdadeiro e o curimatã, algumas espécies migratórias que passam os seus dias na espécie de berçário natural que o Rio Pandeiros se transformou dentro do refúgio. A área é conhecida como o Pantanal Mineiro. Afinal, reproduz, em menor escala, as paisagens da conhecida vegetação, que divide as áreas entre Brasil, Argentina, Bolívia e Paraguai.

O local é escondido e não tão conhecido, mas nele já foram registradas quase 50 espécies de peixe. Por este motivo, o espaço é considerado fundamental para a revitalização do Rio São Francisco. A região também abriga e oferece alimento para inúmeras aves, caso do martim-pescador, pato-do-mato, mergulhão-pequeno e garça-branca-grande. Além deles, lá vivem jacarés e capivaras, além de grandes felinos, como a suçuarana.

— No Rio Pandeiros estão quase todas as

espécies grandes migradoras e de importância comercial para a pesca. A sua relevância local é inquestionável, pois contribui para a manutenção dessas espécies e também de uma rica fauna — comenta o biólogo Carlos Bernardo Mascarenhas, mestre em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A riqueza da fauna e da flora chamou a atenção do poder público. Em 2009, foi decretado pelo governo Federal um plano de ação, batizado de Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu. Com quase dois milhões de hectares distribuídos em 11 municípios do Norte de Minas Gerais e Sudoeste da Bahia, abriga 12 unidades de conservação federais, estaduais e particulares, além de terras indígenas. A ideia de um Mosaico é promover uma gestão integrada e participativa das áreas protegidas.

Valeriano Silva, gerente do refúgio, diz que os maiores riscos estão contidos nas “atividades ilícitas e predatórias”, causadas por madeireiros, pescadores, caçadores e incendiários, que ateam fogo na mata.

— Hoje, realizamos o monitoramento e o controle da pesca predatória, da caça e do desmatamento no Rio Pandeiros, além de atividades de prevenção e combate a incêndios florestais — garante Silva. — Para conter as ameaças à sobrevivência da região, o objetivo agora é recuperar as áreas degradadas e buscar a gestão participativa do território junto a outros órgãos.